

RAFAEL CARDOSO

# O remanescente

*O tempo no exílio*

volume 1



Copyright © 2016 by Rafael Cardoso

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Victor Burton

*Imagens de sobrecapa e miolo*

Arquivo pessoal do autor

*Preparação*

Mariana Delfini

*Revisão*

Jane Pessoa

Carmen T. S. Costa

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Cardoso, Rafael

O remanescente : O tempo no exílio – volume 1 / Rafael Cardoso —  
1<sup>a</sup> ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

ISBN 978-85-359-2813-6

1. Alemanha – Emigração e imigração – História 2. Banqueiros – Biografia 3. Família – História 4. Relatos 5. Romance biográfico 6. Simon, Hugo, 1880-1950 1. Título.

16-07186

CDD-869.9803

Índice para catálogo sistemático:

1. Histórias de famílias : Memórias : Literatura brasileira  
869.9803

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORAS SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[www.facebook.com/companhiadasletras](http://www.facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](http://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](http://twitter.com/cialetras)

# Sumário

Árvore genealógica, 11

Prelúdio, 13

PARTE I: ELES VIGIAM E VACILAM, 17

Interlúdio (1), 103

PARTE II: ELES DISPERSAM E FOGEM, 113

Interlúdio (2), 251

PARTE III: ELES EMBARCAM E CHEGAM, 259

Interlúdio (3), 357

PARTE IV: ELES SE ENTOCAM E SOMEM, 365

*Glossário de expressões em língua estrangeira*, 461

*Compêndio de personagens históricos*, 467

*Referências bibliográficas*, 481

*Agradecimentos e fontes*, 491

# Prelúdio

Meu bisavô, Hugo Simon, foi uma figura de proa da República de Weimar. Banqueiro por profissão, pacifista e socialista por convicção, participou ativamente dos movimentos que buscaram reformular a sociedade na esteira da Primeira Guerra Mundial. Logo depois da revolução de novembro de 1918, ocupou o cargo de ministro das Finanças do Estado da Prússia durante o breve período em que o Partido Social-Democrata Independente da Alemanha (USPD) controlou o governo. Desiludido com o desfecho da revolução e o abandono de seus ideais, retirou-se da vida política e passou a se dedicar à reforma social e cultural, em especial por meio do empreendimento agrícola-modelo que fundou na cidade de Seelow, cerca de uma hora a leste de Berlim. Hugo Simon era um colecionador de arte ativo e participou de conselhos de museus e editoras. Em sua coleção, contava com alguns dos maiores nomes artísticos do período: Lyonel Feininger, George Grosz, Erich Heckel, Ernst Ludwig Kirchner, Oskar Kokoschka, Franz Marc, Otto Mueller, Edvard Munch, Max Pechstein, entre muitos outros. A versão em pastel

de *O grito*, de Munch, que ganhou manchetes há alguns anos como uma das obras mais caras já vendidas em leilão, pertenceu a ele entre 1926 e 1937.

Por conta de suas posições políticas de esquerda e origem judia, Hugo Simon foi obrigado a fugir de Berlim em 1933, imediatamente após a ascensão de Hitler. Mudou-se com sua esposa, Gertrud, para Paris, onde permaneceriam até junho de 1940, quando a capital francesa sucumbiu à invasão das forças nazistas. A essa época, suas duas filhas e seu genro já residiam na França, e meu pai nasceu em Paris em 1931. Meu avô, Wolf Demeter, era artista e havia se mudado para lá a fim de trabalhar com Aristide Maillol, um dos maiores escultores da época. Como muitos artistas alemães que moravam na França, ele acabou por se fixar no sul, primeiro em Villefranche-sur-Mer, perto de Nice, e depois em Grasse. Nos sete anos que passou em Paris, Hugo Simon engajou-se ativamente nos meios exilados alemães. Serviu em comitês de assistência a refugiados, ajudou a financiar o mais importante jornal antinazista — o *Pariser Tageszeitung* [Diário de Paris] — e apoiou projetos literários e artísticos, incluindo as exposições *Art Allemand Libre* [Arte Alemã Livre], em Paris, e *Twentieth Century German Art* [Arte Alemã do Século xx], em Londres, ambas em 1938, como resposta à exposição *Entartete Kunst* [Arte Degenerada] montada pelos nazistas no ano anterior. Em 1937, teve sua nacionalidade alemã cassada pelo governo em Berlim.

Após o colapso da França, a família inteira foi obrigada a se deslocar novamente. Fugiram para Marselha e, de lá, atravessaram a fronteira para a Espanha. Tanto Hugo Simon quanto Wolf Demeter eram procurados pela Gestapo — o primeiro, por seu passado, e o segundo, pelas atividades antinazistas com que estava envolvido. Em meados de 1941, meus bisavôs, meus avós e meu pai — então um menino de dez anos — moravam todos no

Brasil. Conseguiram sair da Europa no último momento, escapando dos horrores enfrentados por quem ficou para trás. O preço que pagaram foi o sacrifício não somente de tudo que possuíam, como também de suas identidades. Para a fuga da Europa, Hugo e Gertrud Simon usaram passaportes tchecos falsos e se tornaram Hubert e Garina Studenic. Meus avós, por sua vez, conseguiram documentos franceses clandestinamente e assumiram nomes de guerra que continuariam a usar durante quase trinta anos. Nenhum deles jamais retornou à Europa. Hugo Simon morreu em São Paulo em 1950, praticamente esquecido, apesar de esforços para restabelecer sua identidade, que incluíram cartas de apoio de Albert Einstein e Thomas Mann. Gertrud Simon morreu em 1964, duas semanas depois do meu nascimento. Meus avós conseguiram finalmente retomar seus próprios nomes em 1972. Três anos antes disso, meu pai emigrou uma segunda vez, partindo do Brasil para os Estados Unidos, onde ficaria até o fim da vida.

Esta é a história da família do meu pai e, em especial, de sua fuga da Europa e dos primeiros anos de exílio no Brasil. É também o relato de como essa história chegou até mim. Como muitos descendentes de famílias que sobreviveram à catástrofe de 1933 a 1945, esse era um assunto tabu na minha infância. Meus avós quase nunca o mencionavam, a não ser por uma ou outra anedota estrategicamente desprovida de detalhes comprometedores. Se alguém discutisse a Segunda Guerra Mundial na presença do meu pai, ou mesmo se ouvisse alguém falar em alemão, ele se levantava discretamente e se afastava. O resultado é que fui criado quase sem conhecimento do passado da minha família. Até os dezesseis anos, acreditava que a família do meu pai era francesa, só então fiquei sabendo de minhas origens alemãs e judias. Meu avô faleceu quando eu tinha catorze anos, e minha avó, cinco anos depois. Minha tia-avó e meu pai os seguiram,

com curto intervalo de um mês entre os dois, quando eu tinha 23. Na sequência dessas perdas, ao desmontar e empacotar a casa dos meus avós em São Paulo, descobri todo um arquivo de fotografias, cartas e outros documentos históricos. Foram as primeiras peças de um quebra-cabeça que venho montando desde então.

Este é um livro com muitas histórias, mas não um livro de História. Embora resulte de ampla pesquisa, ele não se propõe a ser objetivo e exato. Ao contrário, tentei explorar a dimensão extraordinária das pessoas que o inspiraram. Os personagens remetem, com frequência, a pessoas reais, vivas nas lembranças dos outros. Alguns dos nomes foram trocados, mas a maioria foi mantida. A história é real, baseada em fatos; mas alguns dos fatos não aconteceram necessariamente como são narrados aqui. Esta é uma obra de ficção; portanto, é fiel à sua verdade. Fiquem avisados: todo esforço foi feito para incuti-la de vida. Palavras podem conter imagens. Imagens podem ter significados múltiplos. Tudo pode não ser bem o que parece. Este livro não é um simples inventário de achados, mas o memorial da enxada que revira a terra escura do passado.

PARTE I

Eles vigiam e vacilam

# Julho de 1930

Gertrud jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada. A anedota do conde Kessler sobre o papagaio e o macaco nem era tão engraçada assim, ela só precisava de uma desculpa para rir alto. Viviam o apogeu, não havia dúvida. Ela repassou mentalmente a lista de convidados. A nata de Berlim estava bem ali, no pátio dos fundos da casa. Perto do chafariz, Sammy Fischer erguia a mão sobre os olhos para protegê-los do sol forte de verão. Ao lado dele, Albert Einstein, possivelmente o mais famoso dos convidados. Não que fosse questão de celebridades. Einstein e Fischer eram amigos queridos, era esse o critério para ser convidado. Ser divertido também ajudava. Era um ponto a favor de Harry Kessler, sempre espírituoso e a par de tudo sobre todos na Europa. Em seguida, o convidado de honra, o escultor Aristide Maillol, cuja passagem por Berlim fora a razão do encontro. Que atrevimento de monsieur Maillol, aliás, trazer a amantezinha para o almoço dela! Ela deveria ficar furiosa com Kessler por permitir isso. Imagine o constrangimento se, algum dia, ela fosse apresentada à madame Maillol, que tinha fama de ser louca de

ciúmes do velho sátiro. Por outro lado, haviam lhe assegurado que mademoiselle Lucile Passavant não era apenas uma aventura, era ela também artista. Não se pode aplicar os padrões usuais de comportamento aos artistas. Veja só Renée Sintenis, ali. Onde mais se encontraria uma figura assim? Feições masculinas, mais alta do que qualquer um dos homens presentes, porém tão encantadora num vestido sem mangas e aqueles sapatos adoráveis. *Quelque chose de risqué*. Senão, a festa ficava aborrecida.

— *Charmante soirée!* Que delícia! Conta essa para o Hugo, Harry. Acho que ele não ouviu ainda.

— Ah, ele já conhece. Contei ontem para ele.

Einstein riu baixinho, entre tragos curtos no cigarro. Gertrud procurou à sua volta, mas não localizou Hugo no pátio. Onde teria se metido no auge da festa? Tomara que não tivesse se enfurnado na biblioteca para discutir as eleições com seus amigos da Liga pelos Direitos Humanos. Ela pediu licença do pequeno grupo e saiu em busca do marido.

Encontrou-o junto aos rododendros, o pé pousado senhorial sobre um vaso, em meio a um grupo que incluía Max e Martha Liebermann, Julius Meier-Graefe e Annemarie, Ludwig Justi, Herr Gropius e sua Ise. Perfeito. Bem onde merecia estar: no seio do mundo artístico, momentaneamente deslocado para sua casa, na Drake Strasse. Naquele cantinho do pátio, reuniam-se a Academia Prussiana, a Galeria Nacional, o Museu Kaiser Friedrich, o Museu Pergamon e a Bauhaus, com Hugo ao centro como patrono e anfitrião. Que bom que ele estava dedicando mais tempo à arte e menos à política e às finanças. É o que o fazia feliz, de verdade. Seu marido completaria cinquenta anos em setembro; estava na hora de diminuir o ritmo. Seu cunhado, Dagobert, dava conta dos negócios do banco, já que ele gostava mesmo daquilo. Sempre dizia que ninguém vive para sempre, que a vida é curta demais para ser gasta em reuniões de conselho.

Lamentava apenas a ausência de Herr von Bode. Ele teria complementado tão bem a lista de convidados, caso não tivesse falecido no ano passado. Pena que essas coisas tinham que mudar.

— Então, Simon, qual sua opinião sobre o Feilchenfeldt? Parece que ele está conduzindo bastante bem o negócio do Casirer, não é mesmo?

Gertrud aproximou-se de Hugo, tomando a palavra antes que ele respondesse à pergunta de Herr Liebermann. Tocou seu braço levemente, assinalando sua intenção de interromper.

— Caros amigos, não queria interromper, mas o almoço está prestes a ser servido. Passamos para a sala de jantar?

— Já não era sem tempo! Estava começando a achar que eu mesmo ia ter que assumir a cozinha.

O olhar de Gertrud acusou o marido em silêncio. Sempre que ele tentava ser engraçado, acabava soando grosseiro.

— O senhor fica mesmo muito bem de cozinheiro, Herr Simon. Nunca esquecemos sua fantasia na Hessenfest. Quando foi isso, dois anos atrás?

Com um sorriso fino, Martha Liebermann conseguiu desviar a atenção do comentário desagradável de Hugo. Martha, querida!

Ao atravessar a sala de jantar, Gertrud foi interceptada por Ursula. Não havia dúvida de que sua filha retomaria o assunto de Paris no ponto exato em que tinham parado pela manhã. Decidiu se antecipar a ela, estrategicamente.

— Você viu sua irmã?

— Deve estar lendo no quarto, como sempre.

— Vá dizer para ela descer, já.

— Você já falou com papai?

— Ainda não consegui um único momento a sós com ele.

— Eu e Wolf estamos ansiosos para nos mudarmos logo. Ele

já acertou tudo com monsieur Maillol. Só preciso que papai abra uma conta bancária para nós em Paris.

O jeito dela, mais exigindo do que pedindo, despertou a lembrança da campanha triunfal da pequena Ursula, aos nove anos de idade, para ganhar um pônei.

— Eu sei, minha querida, eu sei. Já discutimos isso três vezes. Vou falar com ele assim que for possível.

— É exatamente porque já discutimos isso três vezes que estou ficando impaciente. Quantas vezes ainda vou ser obrigada a cobrar isso de você?

Gertrud fez uma associação involuntária entre o tom ríspido e o novo penteado da filha. Ela estava se tornando uma dessas mulheres ultramodernas, racionais, que os colunistas dos jornais denunciavam e elogiavam, alternadamente. Era irritante demais.

— Vá lá e diga para sua irmã descer agora, e deixe seu pai por minha conta.

Partiram em direções opostas, seus passos ecoando furiosos no cômodo vazio. Francamente! Ela estava começando a gostar da ideia de despachar Ursula para Paris. Pelo menos, ficaria livre da amolação constante da filha. Desde que se casara com Wolf Demeter, vinha se tornando cada vez mais abusada. Não que a culpa fosse dele. O rapaz era tolo demais para pensar em outra coisa que não sua própria beleza. Faltava-lhe dinamismo, ambição. Os jovens de hoje padeciam de um excesso de Hermann Hesse. Era um milagre que não partissem todos para viver em Monte Verità. Pelo menos ele vinha de uma boa família. Talvez Paris lhes fizesse bem. Ele poderia chegar a algum lugar sob a tutela de monsieur Maillol. E, afinal das contas, uma filha morando em Paris era sempre um bom pretexto para visitar a cidade quando quisesse.

Enquanto ela conduzia Maillol pelo braço para a sala de jantar, conde Kessler comentou que o convidado de honra nun-

ca ouvira falar de Einstein. Impressionado com o rosto singular do cientista, o velho escultor havia indagado se era algum poeta.

— Não pode ser verdade, monsieur Maillol! Ele é o cientista mais famoso do mundo.

Maillol riu com os outros, mas aparentemente sem muita convicção de que lhe escapara qualquer coisa de importante. Gertrud ficou encantada. Era o tipo da anedota perfeita, e estava acontecendo na festa dela. Precisava ter certeza de que todo mundo tinha ouvido. A mesa estava linda, forrada com a melhor toalha de linho português e a passadeira com motivos geométricos por Josef Hoffmann, tudo em tons puros de branco e cinza e detalhes perpendiculares em vermelho, que realçavam a elegância arredondada dos talheres que Herr Van de Velde havia criado para eles. Tudo perfeito! Ao examinar a arrumação impecável uma última vez, ela não pôde conter uma nota de tristeza ao pensar que todo esse requinte seria desfeito. Dentro de alguns instantes, seu arranjo primoroso sucumbiria à desordem da vida. Desejou poder congelar esse instante para todo o sempre. Onde se metera o fotógrafo na hora em que mais precisavam dele?

Ursula apareceu na porta ao fundo da sala, conduzindo Annette pela mão e seguida de perto por Demeter. Os dois cercavam a menina, a presença do cunhado impedindo que ela voltasse em disparada escada acima. Gertrud acenou para eles e fingiu ignorar as caretas infames de protesto da filha menor. Ela podia parar com essa mania. Quando estufava as bochechas, parecia um sapo. Como se não bastasse ter herdado a boca do pai e os olhos esbugalhados da tia. Imagine só a piada maldosa: Fräulein Annette Simon, filha do banqueiro berlimense Hugo Simon, conseguiu inverter o conto da princesa e do sapo, ao se tornar o primeiro sapo a aspirar à condição de princesa. Era o tipo de coisa que geraria facilmente uma daquelas charges antisemitas na *Kladderadatsch*. Não, realmente, não era admissível que se

tornasse alvo de pilharia aos doze anos de idade. Ela precisava dar um jeito naquilo. Assim que cruzaram a sala, chamou a atenção de Maillol para eles.

— Monsieur Maillol, acho que o senhor já conhece meu genro, Wolf Demeter?

— Ah, sim, claro! Participamos de um delicioso piquenique ao luar perto de Weimar, duas semanas atrás. Não é mesmo, Demeter?

Essa informação pegou Gertrud de surpresa. Ela inquiriu o genro com o olhar.

— Piquenique ao luar? Não soube de nada disso.

— Coisas do conde Kessler.

Demeter sorriu, desengonçado. Já os olhos do velho brilhavam, gaiatos.

— Sim, dançamos na floresta, como pagãos, mas ao som de um disco de tango.

— O senhor dançou também, monsieur Maillol?

— É claro! Em geral só danço valsa, mas a noite estava tão quente e perfumada que abri uma exceção.

A expressão de Annette era de tédio, como se ouvisse a história pela décima vez. Gertrud examinou o rosto dos presentes. Por um momento, não teve certeza se deveria manifestar aprovação ou censura. O olhar insistente da filha mais velha despertou-a de volta à ação.

— E o senhor já foi apresentado às minhas filhas? Esta é Ursula, madame Demeter.

— *Enchanté, madame.* Tão jovem e já casada! Você não perde tempo, hein, Demeter? Percebi isso pelo modo com que dançou com Lucile naquela noite.

Feroz, Ursula encarou o marido, que fingiu não ter registrado o comentário, o olhar perdido sobre o dedo que o velho sacudia em sua direção.

— E esta é Annette, a caçula da casa e já um talento artístico nascente.

— *Enchanté, ma petite.* Quer dizer que você quer ser artista?

— Não, eu vou ser poeta.

A resposta petulante de Annette, enunciada em francês de colegial malcriada, provocou um acesso de riso no velho escultor. Sua longa barba subia e descia em ondas, acompanhando o sa-colejar do peito. Gertrud gelou por dentro, ciente de que sua filha suportava tudo, menos que rissem dela. Antes que pudesse esboçar qualquer reação, a menina disparou, agora em alemão:

— Você sabia que parece um bode berrando quando ri desse jeito?

— Já chega!

Ursula agarrou a irmã pelo braço e puxou-a em direção à porta. Antes, sussurrou no ouvido da mãe, indicando Maillol de rabo de olho. O velho ainda ria alto e indagava a Demeter o que a menina havia dito.

— Você nos colocou ao lado dele na mesa?

— Melhor do que isso. Coloquei vocês ao lado da tal Passavant. Assim, os olhos dele estarão sobre vocês o tempo todo. Faça o favor de ser gentil com ela.

Ursula conduziu a irmã para o pátio, desaparecendo em meio aos convidados que faziam o caminho inverso. Demeter permaneceu ali, conversando com Maillol e Kessler, que havia se juntado ao grupo. Gertrud tinha de fazer algo a respeito de Annette, antes que fosse tarde demais. A menina estava ficando impossível. Se não fossem judeus, ela a despacharia para algum internato na Suíça. No mesmo instante, recriminou-se por pensar algo tão cruel.

Gertrud fez a ronda da sala de jantar, trocando uma palavra com cada convidado, vendo se estavam bem acomodados. Ficou um pouco apertado, mas ela se orgulhou de ter conseguido co-

locar todo mundo em torno de uma única mesa. Ela não aprovava essa moda dos *buffets* que estavam importando da América. Sua finada avó diria que uma refeição em que as pessoas não sentam juntas à mesa não era uma refeição, apenas uma comilança. Assim que todos estavam em seus devidos lugares e o primeiro prato foi servido, ela finalmente começou a relaxar e permitiu que seu olhar se desvisasse para a janela por um instante. A brisa se movia pela folhagem das árvores, densa com o verde-es-curo do verão, e o sol lavava as paredes cor de areia com uma intensidade quase insuportável. De repente, ela sentiu vontade de chorar. Mas por quê, se tudo corria tão bem? Teria sido a lembrança de sua avó querida? Ou, talvez, por conta da frieza de sua filha? Gertrud tinha plena consciência de que tudo estava errado entre elas. Ela e Hugo haviam mimado Ursula quando era pequena. Não tinha sentido tentarem apertar agora o que deixaram correr frouxo no passado. É o que dissera dr. Simmel. Talvez fosse melhor mesmo permitir que ela se mudasse para Paris. A distância física daria espaço para repensarem as novas circunstâncias. Ursula era uma mulher casada e, em breve, ia querer ser mãe. Mas ela tinha apenas dezenove anos! A pobre criatura mal podia avaliar o que isso significava. Avó, aos quarenta e cinco anos de idade — era jovem demais.

Gertrud insurgiu-se contra esse pensamento desgostoso e voltou a atenção para seus convidados. Embora não tivesse se distraído por mais do que alguns segundos, foi tempo suficiente para que alguém lembresse aquela discussão medonha na casa dos Fischer, alguns anos antes, quando Alfred Kerr teve a falta de delicadeza de interrogar Einstein sobre suas crenças religiosas. Monsieur Maillol ficou interessadíssimo em saber os detalhes, e Kessler fornecia-lhe um relato completo. Do outro lado da mesa, sentado entre Martha Liebermann e mademoiselle Passavant, o próprio Einstein fingia ignorar a conversa, mas Gertrud flagrou-o

olhando para Kessler de tempos em tempos. Arrastaram Sam Fischer para o assunto, pedindo que ele confirmasse se Gerhart Hauptmann estivera mesmo presente naquela ocasião. Maillol por fim voltou-se para Einstein e perguntou bem alto qual era verdadeiramente sua opinião sobre o tema. As conversas paralelas cessaram quase de imediato, todo mundo parou para ouvir o pronunciamento do grande físico. Uma ou duas pessoas, que não haviam escutado a pergunta ou não entendiam bem francês, ainda demoraram para se inteirar; mas logo a mesa inteira estava mergulhada em silêncio, aguardando a resposta. Einstein explicou sua posição, um tanto constrangido:

— Não entendo por que minhas opiniões religiosas se tornaram assunto recorrente, mas vou repetir o que disse da outra vez. Guardo um profundo respeito, pode-se mesmo dizer, veneração, por tudo que não compreendemos sobre o universo. Se quiserem chamar isso de religião, não vou me opor. Meu deus é o de Espinosa.

O tom da resposta era calmo e razoável. Entre expressões de concordância geral, parecia que o assunto delicado seria posto de lado, afinal. Como Einstein havia respondido em alemão, Maillol ainda ouvia atentamente a tradução de Kessler. Assim que se certificou do que havia sido dito, dirigiu nova pergunta ao cientista.

— Mas o senhor não crê em um deus com uma barba comprida como a minha, que senta sobre um trono e rege a vida das pessoas?

Einstein devolveu o olhar de provocação do velho escultor e, com infinita paciência, desencavou uma resposta em francês.

— Com todo respeito por sua barba magnífica, é claro que não.

Todos riram, inclusive Maillol, que pôs um ponto final no

assunto ao comentar que acreditavam na mesma coisa: no mistério da natureza.

Gertrud lançou um olhar de desespero para o marido. Um episódio desses podia vir a se tornar uma boa anedota para os livros de História, mas corria igualmente o risco de azedar o espírito festivo do seu almoço. Hugo reagiu prontamente à sua súplica muda e perguntou para Fischer se era verdade que Hauptmann estava escrevendo uma peça nova. A mudança de assunto foi acatada de bom grado e as conversas, reatadas em vários pontos da mesa. Bem nesse momento o segundo prato começava a ser servido — um filé de linguado com molho de raiz-forte. Se, ao menos, fosse tão simples assim banir as discussões sobre política. Era impossível afastar esse vício mesmo das festas mais divertidas, ainda mais a poucos meses de uma eleição. O máximo que ela podia almejar era postergar o debate até depois da sobremesa. Não seria uma tarefa fácil. Na outra ponta da mesa, alguém havia voltado o assunto para o processo de Herr Brecht contra a adaptação cinematográfica de sua *Ópera dos três vinténs*; e a discussão ameaçava escalar para uma disputa de Brecht versus Pabst, Herr Gropius e Herr Justi como os antagonistas e Herr Meier-Graefe fazendo o papel de árbitro relutante. Gertrud arrependeu-se de não os ter distribuído melhor pela mesa. Nunca era boa ideia colocar arquitetos com historiadores da arte.

Felizmente, Ursula captou o sinal da mãe e envolveu mademoiselle Passavant numa discussão sobre os méritos de tomar banho de sol despidas, assunto que atraiu também a atenção de Annemarie Meier-Graefe. A visão das três moças conversando sobre sua nudez foi suficiente para atiçar a imaginação dos homens presentes, e logo a mesa inteira estava entregue a um debate caloroso sobre os méritos do naturismo. Monsieur Maillol mostrou-se o mais entusiasmado defensor do culto moderno ao corpo, comparando o que vira na Alemanha à Grécia Antiga.

Kessler e Einstein apoiaram sua reflexão, mas de modo circunspecto. Renée Sintenis questionou as jovens sobre a relação entre o corpo nu e a desinibição sexual. Ela considerava a nudez em excesso decididamente antierótica, disse, baixando os olhos com um ar que conseguia ser blasé e picante a um só tempo. Nudez e sexo — finalmente, um assunto livre de perigo! Gertrud relaxou e rendeu-se agradecida à torta de cerejas com amêndoas.

A conversa correu da nudez para as fantasias, do travestismo para os últimos e mais escandalosos números de cabaré. O vinho fluiu livremente, e o nível de hilaridade atingiu seu ápice para o dia. Quando chegou a hora de servir café e licores, os ânimos mais exaltados já haviam se acalmado e um contentamento suave se apoderava de todos os presentes. Gertrud experimentou um misto de satisfação e alívio. O almoço fora um sucesso. Mesmo sabendo que não devia misturá-lo com o champanhe, ela aceitou um cálice de Chartreuse. Era seu licor favorito, e ninguém se importaria se ela bebesse um pouquinho além da conta em sua própria casa. Ela dirigiu o olhar para o outro lado da mesa, onde o marido estava envolvido numa conversa com Elsa Einstein, e conseguiu atrair sua atenção. Gertrud ergueu o pequeno cálice verde em sua direção, e Hugo devolveu o brinde, sorridente. Viviam o apogeu. Não havia dúvida quanto a isso. Ela refestelou-se na cadeira e espreguiçou-se no calor gostoso do verão.